

## PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Redactor-chefe, Antonio E. Bandeira

## Commissão de redacção:

Arthur Andrade, Alfredo C. de Souza,  
M. Freitas, Miguel Cardoso e F. Calisto

Director-gerente, Florencio Calisto

PORTO ALEGRE, 21 DE JANEIRO DE 1897

## Nossas despedidas

Depois de uma lenta agonia de seis mezes, como um moribundo a quem os supersticiosos attribuiram a falta de animo para deixar o mundo ou a de uma pessoa corajosa que lhe botasse a vela na mão, termina com este numero a existencia d'O Exemplo.

Não nos impelle a esta resolução a escassez de vontade, que nos sobra para enfrentarmos com o indifferentismo com que nos retribuiam os sacrificios de toda especie que faziamos, afim de sustentarmos nos arraiaes da imprensa rio-grandense este pavilhão sempre arvorado, quando a causa de um humilhado chamava-nos a postos; porém a convicção de que isto de "Clama" itaque ue cesses " sem ser-se ouvido é proprio da paremionia de um Christo e de outros philosophos de épocas que não voltam mais.

Só è devidamente apreciada a importancia das cousas e dos homens quando um facto qualquer faz-nos lamentar a ausencia de seus bons officios. O Exemplo passa ao ostracismo, deixando atraz de si um deficit de um conto e tanto que é a prova mais cabal do pouco caso com que nos recebiam e o attestado mais eloquente do desprendimento com que trabalhavamos.

Pois bem; não daremos muito tempo que não ouçamos recordarem-se saudosos deste jornalsinho, como ironicamente muitos o chamavam, quando o desrespeito a uma familia ou o desacato á liberdade individual de um cidadão honesto fazem sentir a falta de um jornalsinho, como O Exemplo, que sempre tomou a peito desassombadamente esses factos, patenteando assim a utilidade de sua presença no jornalismo.

Portanto é tempo d'O Exemplo desaparecer para em algum dia ser devidamente apreciado.

Quando isso se der, então fruiremos o fructo que cultivamos a quatro annos com a solicitude religiosa de quem obedece a um rito; tendo por unica consolação o prazer de termos pago o nosso tributo de humanidade a geração a que pertencemos, dando-lhe uma fibra do nosso coração, preocupando com ella metade de nossa intelligencia, parte da vida de nossa mocidade que fica stieriotypada na collecção d'O Exemplo; em summa, o prazer de deixar arrobeados os costumes de uma parte da sociedade, rebelde a este ramo da civilização, podendo agora os nossos vindouros continuar, mais desvencilhados, na ingrata, porém gloriosa cruzada que hoje terminamos.

Ao fazermos as nossas despedidas ao publico, conselhos de que nos desembaranhavamos do labyrintho das lides jornalísticas...

agradecemos a coadjuvação efficaz dos bons assignantes que tivemos, os quaes, dignos e generosos, foram os esteios abnegados do nosso frustado tentamen.

Aos nossos collegas da imprensa do sul ao norte do Brazil, o nosso eterno reconhecimento pela estimulante consideração que sempre nos dispensaram, mantendo comnosco pontual permuta; o trophéo mais nobilitante que alcançamos na praça do jornalismo.

## A'S VEZES

(DERRADEIRA CHRONICA)

Nascido de um pedaço roseo de illusões, acalentado e vivido ao sol meridiano de uma crença, e embalado na rede vaporosa da esperança — O Exemplo viveu a madrugada das rosas, o dia da fé e a noite da duvida....

Aos clarões do rosicler, succedeu o estio ardente e canicular das hosannas, para vir, ao depois, n'uma progressão infelizmente prevista, o gelo estiolante da morte!...

E quiz a sorte (coincidência ingrata!) que aquelle mesmo que vestiu-lhe as primeiras vestes e sentiu amornar-se-lhe o rosto aos primeiros bafejos do nascido, fosse ainda, sinão o coveiro, pelo menos o sacerdos do aspergir; o mesmo que o levou a pyra, leva-o a tumba no meio de uma multidão de papalvos que, inconscientes, se descobrem como quando vêm passar o esquite de um partido.

Cumpramos o capricho do accaso... rezemos o *De profundis*....

Arbusto, fragil, encostou se a arvore protectora O Exemplo, e no melhor da existencia essa arvore se fana e não mais como outr'ora empresta ao arbusto o auxilio de um galho que nas fibras levasse ao pequenino irmão uma pouca de seiva para sustel-o com vida. E eis-o o arbusto, só, isolado, não mais podendo olhar com firmeza no infinito o futuro, baqueando exahusto, exangue á face da terra queimada ao sol de mil vidas e... morreu!

E nós que o vimos nascer e o encontramos agora, no caminho rosado da vida, morto dentro de um ataúde, sentimos um quer que é de triste e puugitivo, de doloroso e acabrunhador!...

E' que no recinto limitado do feretro que de nesgas azues de nossa alma, que de brancas illusões que foram nossas não se aninham allí, sepultadas com elle!?

Laze, laze no escuro ambito das cousas que foram, que ainda não sobra a saudade para fallar-nos de ti...

Mas que amarga saudade!

## Contenda intima

Que enjoado!... Gosta tanto de beijos, que, ao entreabrir os labios, receio ser devorada por um alluvião delles, como um rosal assaltado por uma praga de gafanhotos vorazes... Que enjoado!

— Mas, o que queres!... tens nos teus labios carmineos, contrahidos neste muchocho encantador, a attração fascinadora de um milhão de rosas; e a melodia cegigena de tua voz como o cantarolar harmonioso da passarinhada ao romper da aurora com que, graciosamente amuada, repulsas o contacto de meus carinhos edazes, é o melhor aphrodisiaco para o coração *perder a cabeça* e a gente ter impetos de desmauchar a beijos a corolla que forma teus labios carmineos neste muchocho encantador...

— Mas eu não quero! Que diabo mais enjoado!... Parece que é o que lhe traz em pé!...

— Se não é o que me traz em pé, posso te garantir que é o manancial que fortalece-me o coração e me faz temer a morte antes de ver sazonado o fructo do meu affecto; portanto...

— Portanto, tenha modos, soeague! que rapaz mais sem modos, cruces!...

— Mas, a não ser a beijos de que maneira hei de acalmar o sopro agridoce de sua voz enfadada que me alvoroça a carne com o zephyro blandifluo que bafeja as flores nos jardins.

— Não quero saber disso! não gosto de beijos; já disse.

— Ah! isto agora é outro cantar! não gostas, tens razão: cada um como do que gosta. És moça, bonita, coração enfiado de illusões, vives de phantasias, que são os corvos cervaes e traçoeiros das esperanças de nossa adolescencia, emquanto que eu, coração depauperado já corroido pelo bacillus dos desenganos, não posso acalentar o meu amor apenas com idéas platonicas: a anemia profunda, que me combate a alma descrente, só pode ser combatida com os reagentes poderosos de teu contacto luminoso, como um tísico com activos tóuificantes que fortaleça-lhe os pulmões broqueados... Eu preciso, gosto de tens beijos: dá-m'os...

— Não amole: tenha modos! Parece um terneiro mamão: Vossê foi feito de beijos!

— Um só; que seja o balsamo das enagas amorosas de meu peito depauperado, já corroido pelo bacillus dos desenganos.

— Não dou: não amole! Quem quer o fructo sobe á arvore, quem tem sede vai a fonte...

— Ah! sim!... tens razão: veneeste a contenda.

Lys-Cato.

## O PRESENTE

Oldemira, toda arrengada, punha em uma completa choldaboga os trastes da casa, da sala á cosinha, varrendo, vasculhando tudo; lavando o assoalho, as portas e as vidraças, tudo, tudo, enquanto a mãe cuidava uma frigideira na qual estalava umas postas de peixe, e no forno acabavam de corar uns bolos — saborosas comezainas do inextotável receituário culinário da velha.

— Oh! pela arrumação, temos grosso forrobodó hoje por aqui, regougou o chefe da casa, pigarreando e collocando a um canto da varanda o bengalão com que andara de passeio.

— Ora; não tem do que se admirar: se tu estivesses lá em casa de meu pai, quando eu te esperava nos meus dias de rosas como é o de hoje para a Oldemira, não estranharias este movimento.

— Já sei disso: vossês colhem a flor, eu sou quem sinto os espinhos nas argibeiras e os outros é que enchem a barriga, tornou o velho.

— Sai p'ra lá! não sejas *casca*, não esteja chorando o que nada te custou; pois a rapariga trabalha para ter também um dia de prazer na vida: ella não te foi pedir nenhum vintem, e não se convidou senão a uma pessoa. Além disso, se tu fôras outro pai havias de te lembrar que ella faz annos hoje e lhe surprehenderias ao menos com um lenço de chita.

— Ah! ella faz annos! Nem me recordava... Bem; se este preparo fosse para me receber, eu saberia como agradecer a tanta amabilidade; mas como deste mal eston livre, vamos a ver se o presente do Pedroca corresponde ao lufa lufa que estão fazendo.

— Ha de corresponder, ha de corresponder: apressou-se em afirmar a velha, sempre protectora, sempre mãe!

A noitinha a velha descansava das fadigas diurnas, cochilava acocorada, como gallinha choca, em um canto da varanda, o velho fazia que dormia, refestelado em uma poltrona, á cabeceira da mesa, mascando um quebra-queixo e Oldemira com um olho no padre e outro na missa, dava a ultima de mão rebortando papeis de cores para enfeitar as bandejas dos doces.

O pai quebrou o silencio.

— Está-se aqui com a barriga a dar horas... a espera do grande personagem...

— Tenha paciência, que elle não pôde demorar muito, respondeu-lhe a velha, lá do canto, sempre protectora, sempre mãe!

Palavras não eram ditas, quando Oldemira, conhecendo-o pelas passadas macias de quem pisa em ovos, exclamou, alegre, correndo ao encontro de quem chegava:

— Está elle ahí... bem a mamã disse! está elle ahí!

— Graças a Deus! E' o caso de *faltar no mau preparar-lhe a...* boia, chaco-teou o velho e terminou: vá, vá receber o bonito presente!

Quando elle dizia isso, já o Pedroca balbuciava aos ouvidos de Oldemira, cingindo-a amorosamente pela cintura:

— Recibe no dia de tens annos o mimo dos amantes que eu te trouxe. São os fructos doces que alimentam o coração: só podem ser dados com os labios e com os labios recebidos ao contrario não se sente o sabor...

Depois do curto tempo gasto no trespasse do fructo, de labio a labio, fizeram os dous namorados, a entrada na varanda.

— Então ganhou as festas, interrompeu, curioso, o birrento velho.

— Ganhei: respondeu confusamente, precipitadamente Oldemira, com as faces rubras como um maduro tomate.

— Vamos a ver o que te trouxe o Pedroca!

— Trouxe... trouxe uns morangos.  
— Bem eston vendo; tornou o velho, cerrando o sobreolho para vencer a myopia e divulgar bem o rosto da filha, bem eston vendo que foi algum petisco: até não tiveste constancia de trazer o presente direitinho para nos mostrar, já vieste comendo pelo caminho, pois estás com a cara toda lambusada!... Vamos, não sejas gulosa: reparte commigo e tua mãe; queremos também compartilhar de teus prazeres...

Neste interim já a velha tinha desperitado e carregava para mesa os pratos da ceia.

Oldemira, em suores frios, enrubescendo cada vez mais, sem saber como sahir da alhada, dirigiu-lhe um olhar supplice, invocando a sua protecção. Ah! as mãis, sempre são mãis!

— Deixa a rapariga, diabo, interveio a velha, os morangos que ella recebeu são iguaes aos que tu me davas quando eu corria ao teu encontro, nos meus dias de rosas como é hoje o de Oldemira.

— Bem, atalhou o velho, mais que depressa, eu já era teu noivo!... Já tinha pedido a tua mão!

— E' justamente o que vim pedir, em honra ao anniversario de Oldemira, o vosso consentimento para dar a ella de presente a minha mão de esposo: disse o Pedroca, criando alma nova e se aproveitando da porta que o proprio velho lhe abrira para sahir do labirinto em que lhe afirara a impensada resposta de Oldemira.

Helio Silva.

## ELLE

Tempos de gloria! Como passa tudo!

G. Crespo.

E' de hontem apenas... Quem diria!

Ao som daquella voz, que trovejava,  
O céo—roncasse embora!— serenava,  
O sol perdia a côr, o mar gemia!

O que dictava elle, se fazia!  
Fosse contra o Direito! Qu'importava?  
O Direito era elle... se o calcava.  
A si mesmo calcava, a si feria!

Agora, fugitivo, vagabundo,  
Medita no que foi, sombrio e mudo,  
Ou, quem sabe, a rugir, féro, iracundo;

Ou talvez, a fitar (por um canudo)  
Da Patria o céo, murmura, gemebundo:  
Tempos de gloria! Como passa tudo!

Dezembro, 31 de 1896.

Luiz da Motta.

O nosso amigo Florencio Calisto, tendo feito aqguisição do salão de barbeiro de seu respeitavel pai, o nosso presado amigo Calisto F. de Aranjó, admittiu como socio nos serviços de estabelecimento o habil e conhecido profissional Estacio dos Santos.

Continuam a fazer parte dos trabalhos da casa — applicação de sanguessugas e ventosas, extracções de dentes e etc.

Desejando-lhe extraordinaria freguezia pagante, auguramos-lhe, bem como ao seu associado, muita prosperidade.

Com o presente numero cessa a existencia *O Exemplo*, do qual fui o humilde dos collaboradores.

E assim também cessam os nossos esforços, empregados inutilmente durante o longo periodo de quatro annos, para que fossem respeitados os direitos de uma publicação de individuos que não soube ou não quiz corresponder-nos.

Ao retirarmo-nos da lica levamos consolo de que soubemos cumprir o nosso dever.

Na actualidade, dominador o regime republicano, que abre campo vasto para a realisacão de todas as aspirações populares, nenhuma classe, por mais indióere que seja, deve ser estacionaria; por isso é que por meio da imprensa queremos não só estimular aos nossos generes a instruirem-se, para assim terem a sua parcella de esforços na reconstrucção da grande Patria Brasileira, como também attestar aos nossos concidadãos que entre nós também ha quem tenha talentos e saiba cultivá-los.

Este nosso tentamen foi, por ser frustrado devido á repulsa d'aquelles que nos deviam amparar-o, d'aquelles mesmos que deviam ter pelo *O Exemplo* um culto fervoroso, porque as idéas por este pregadas deviam ser também as deles.

No entretanto, estamos certos de que se o nosso periodico fosse descarnar podridões, fosse dizer ao publico quaes as esposas adúlteras do nosso meio, quaes as moças que fingem ser donzellas recatadas quaes os maridos que não cumprem com os seus deveres, quaes os que chafurdam se na podridão do vicio, enfim, se tornasse publico tudo quanto fosse escandaloso, tudo quanto fosse bandalheira, teriamos os applausos desses que nos repellem, teriamos auxilio e aceitação até daquelles cuja reputação atassalhassemos.

Mas não! estão enganados! Preferimos suspender a publicacão do nosso jornal a arredar-nos uma linha do nosso programma que não admittia a miseria-nos nessas miserias humanas.

Ao envez de estarmos a elmar *o levantamento de nossa classe, pela defesa de direitos postergados etc.*, vamos cuidar do nosso futuro que se nos antevê auspicioso, para sermos uteis a nós e as nossas familias que são quem devem merecer os nossos esforços.

E o mais: cada um cuide de si. Nem mais uma nota por quem, em vez de collaborar no levantamento de sua classe, prefere rasgar os cotovellos dos polletos nos baleões das tavernas e escarnear-se nos saccos de farinha a estivar os copos de cachaca.

E além de tudo, somos sabedores de que esses individuos, verdadeiros caixas d'agua, repotreado-se na sua ignorancia e por entre as baforadas de *caminha*, pretenderam muitas vezes lançar-nos ao diabo, jogando-nos doestos proprios de reacção que o alcool opera nas cabeças dos amantes de Deus Baccho.

Lozeos que elles são! Nem ao menos merecem que lhes façamos referencia.

Como collaborador que sempre fui do *Exemplo*, tanto material como intellectualmente, ao escrever pela ultima vez nestas columnas, abraço effusivamente meus companheiros de redacção e desejo-lhes todas as prosperidades no seio de suas amadas familias.

Eu não sou monarchista!

Mes, mantendo sobre a crise do presente e as crises do passado, penso que talvez o mundo andado melhor se conservassemos no throno um homem sisoado, a ter de ser o escudo a muito malandro que só quer encher a pança.

No tempo dos medalhões, a gente tinha feijão e xarque por qualquer bagatela; dava seus bailes sem pensar no nariz da policia; ia á esquina do becco verter a soga sem a ameaça do facão; cantava serenatas em companhia das patrulhas; em summa, vivia a gente n'um *mare magnum* de inconcebiveis delicias.

Hoje, tudo mudou! Os cães passam melhor do que os homens, pois estes nem sempre têm carne para deitar ao lume e aquellos acham sempre algum ossinho, que vão pachorventamente roendo.

Demais, nem sequer a policia fecha os olhos a certas cousas que, afinal, se não são boa idéa de um triste mortal, revertem em desprestigio da situação actual.

Um exemplo:

Cheio de micoins, ralado de calor, se-  
lento do sangue de um rival venturoso,  
tive a lembrança de ir lavar-me na Baro-  
neza (salvo seja). Já tinha posto de banda  
as meias e a ceroula quando me appare-  
ceu um *rato branco*....

Foi tal a arrogancia com que o typo  
me fallou, que resolvi jogar com elle as  
cristas.

— Que quer comigo! Vou me ban-  
har porque tenho morrinha!

— Isso aqui não é banheiro, replicou  
o *rato*. Vá se lavar na....

— Na grande peça que te vou pre-  
gar!!! Pois olha.... Eu sou gente de es-  
tufa superior a tua!... *Ego sum qui sum!*...

Então fiz-lhe ver que eu era um  
dos candidatos á deputação federal pelo  
circulo dos meus amigos, e que contava  
como certa a victoria.

O *rato* desapareceu como por encan-  
to, e eu fiquei a philosophar sobre o que  
vae por este mundo de Deus!

Ah! mas se um fallasse em banco,  
agiotas etc.!!... Naturalmente, fariam-me  
enfocar, pelo facto de.... não querer dizer  
nomes feios a essa especie classificada de  
usurarios e ladrões.

Mas, onde vou eu!! Ameaçado tal-  
vez, de cadeia! !....

Livra! !....

B. A. S.

Um dia a fada azul desceu á terra na  
intenção de distribuir a todas as suas fi-  
lhas, as habitantes dos diversos paizes, os  
thesouros de graças que trazia consigo.

O anão Amaranthe tocou a busina e  
imediatamente uma joven de cada na-  
cionalidade se apresentou aos pés do thro-  
no da fada azul.

Num momento, todas reunidas, for-  
maram uma multidão enorme.

A boa da fada disse a cada uma das  
suas amigas:

— Quero que nem uma só se lastime  
do dom que lhe vou fazer. Não posso dar  
a todas a mesma coisa; uma uniformida-  
de semelhante tirar-lhes-ia todo o valor.

Como o tempo é precioso para as fa-  
das, falam pouco.

Esta limitou-se ao que vae dito no  
seu discurso, e começou a distribuição dos  
brindes.

Ninguem teve razão de queixa.

Deu á joven que representava todas  
as Castellans, cabellos tão negros e tão  
compridos, que podia fazer delles uma  
mantilha.

A italiana, deu uns olhos tão vivos,  
como uma erupção do Vesuvio durante a  
noite.

A turca, uma nediez roliça como a  
lua e suave como a pennugem do cysne.

A ingleza, uma aurora boreal para  
tingir as faces e os hombros.

A uma allemã, dentes como ella pro-  
pria tinha e—o que não vale mais do que  
uns bonitos dentes, mas que tambem tem  
o seu valor—um coração sensível e inclina-  
do a amar.

A uma russa, a graça de uma sobe-  
rana.

Depois, passando ás particularidades,  
poz a alegria nos labios da napolitana, o  
bom senso no espirito da hollandeza, e  
quando já não tinha mais que dar, levan-  
tou-se para proseguir o seu voo.

— E eu! disse-lhe a pariziense, reten-  
do-a pela orla fluctuante da tunica azul.  
— Estavas tão perto de mim, que te  
não vi!

Que poderei fazer agora! O sacco das  
prendas, esvasiei-o!

A fada reflectiu um instante; depois,  
com um aceno, chamou a si todas as en-  
cantadoras agraciadas e disse-lhes:

— Sois boas, porque sois bellas.

Compete-vos dar satisfação de uma  
injustiça que fiz: esqueci-me de contem-  
plar a vossa armã de Paris.

Peço a cada uma que se desaposse de  
uma parte do presente que lhe fiz e a dê a  
nossa pariziense. Perdereis pouco e in-  
demnisarei muito.

Quem se recusará a uma fada, sobre-  
tudo a uma fada azul?

Com a graça que sempre distingue as  
pessoas felizes, as damas acercaram-se da  
pariziense e deitaram-lhe ao passar junto  
della, uma, madeixas do seu cabello pre-  
to; outra, parte do rosado da fronte; esta,  
um resplendor da sua viveza; aquella, o  
que pouda da sua sensibilidade, e succe-  
deu que a pariziense, a principio muito  
pobre, muito obscura e insignificante,  
achou-se num ápice, muito mais rica e me-  
lhor dotada do que qualquer das suas  
companheiras.

E a fada azul subiu ao céu, sorrindo!

L. Goilan.

(Papeis velhos)

AO DR....

*Ser bom*, não é ser humilde,  
Supportar com paciencia  
As miserias da existencia,  
E amar a Deus... ora pois!...  
— *É bom* um leitão de forno,  
Um copo do velho *Porto*,  
Que escorra e dá conforto;  
Se não chegar, venham dois!

*Ser bom*, não é ser honesto,  
Quer dizer—homem de bem,  
Não dever nada a ninguem,  
Não adular, não mentir...  
— *É bom* ter coches, parelhas,  
Salpicar de lama á gente,  
Rodar estrondosamente,  
Que o povileo faça abrir!...

*Ser bom*, não é trabalhar,  
Obedecendo ao disposto:  
„ Com o suor de teu rosto  
Obterás o teu pão...“  
— *Bom* é ter muito dinheiro,  
(Venha lá como vier!)  
E áquelle que o não tiver,  
Tratal-o ahí como a um cão!

*Ser bom*, não é condoer-se,  
Vendo ás grades da cadeia  
O desgraçado que aneia  
Por gozar da liberdade...  
*Bom* é ser commendador...  
(Mercê que o rei lhe outorgou,  
Por prestar—mas não prestou—  
Serviços á Humanidade...)

*Ser bom*, não é dar á Patria  
O seu sangue, a sua vida,  
Quando, vexada, offendida,  
Pede a seus filhos vingança...  
— *Bom* é ver o mundo inteiro,  
Não na Carta, não no Mappa,  
Roma ver (*e ver o papa*)  
Ver a Russia, a Grecia, a França...

*Ser Bom*, não é dar a Cesar  
O que emfim de Cesar é...  
É justo o preceito! olé!  
Mas ha cousita melhor!...  
— *Bom* é ser o próprio Cesar!...  
O que arrecada, arrecada...  
Porque o mais não vale nada!  
Que te parece, doutor!

*Ser bom*, não é visitar  
Enfermos encarcerados,  
Dar o pão aos esfaimados,  
E (que tal!) vestir os nus...  
— *Bom* é ser bispo, ser papa,  
Frade de Ordem bem rica,  
Quanto mais come, mais fica!  
Que pesada aquella cruz!

Luiz da Motta.

Temos recebido brindes e comuni-  
cações de diversos sociedades e particu-  
lares, deferencia que muito agradecemos.

## Per summa

Alguns organos da imprensa da capital mostram-se infensos ao velho uso de dar-se publicidade a casos de rapto e desvirginamento de moças, tão frequentes são elles e tão perigosas consequencias acarretam.

Pois, eu penso de modo diverso.

Se a vulgarisação de escandalos taes põe em almeida a dignidade de quem os pratica, o sigillo sobre os mesmos é uma ameaça áquelles que de boa fé procuraram uma mulher honesta a quem tenham de ligar-se pelo casamento.

Sim! Se á policia couber o direito de immiscuir-se em assumptos taes e á imprensa o dever de não relatal-os ao publico, um homem de bem correrá risco de tomar por esposa mulher já perversida, já seuhora de praticas que moralmente, só o casamento lhe deve ensinar.

Fulano deshonra Dorothea, mas não quer reparar o mal. O que é que faz a policia? Chama o trahente, interroga-o, prende-o, ameaça-o. Se o typo é dos bons, ou casa, ou prefere ficar na cadeia.

E o que faz a imprensa?

Longe de estampar o nome dos delinquentes, relata o facto sem apontar-lhes o nome, isso pela *simples razão* de não querer atirar lodo sobre os mesmos.

Entretanto, Sierano, que não tem conhecimento do occorrido, encanta-se pela bella Dorothea e, uma vez flegado no anzol do matrimonio, comprehendé, mas já tarde, a arriosa em que se mettu.

Não! Penso que esses delictos de amor, bem ou mal succedidos, deviam figurar nas chronicas dos jornaes para punição de uns e escarmento de muitos.

Conheci uma moça cuja maior ambição era casar. Namorava ás duzias, ás centenas.

Um bello dia foi ella pedida em casamento ao pae, que, consultando-a e obtendo resposta affirmativa, concedeu ao futuro genro o direito de frequentar-lhe a casa e... filar o chá. Mas, o que o marreco queria filar não era o chá; era a menina, a quem, certa noite, propoz a fuga, allegando que assim mais promptamente se uniriam.

Que fez ella? Desandou-lhe tremenda objurgatoria, uma verdadeira catilinaria, que o poz de cura á banda, desnortado, envorronhado de si mesmo.

Essa moça está hoje casada com um capitão de artilharia, que a trata com desvellos dignos de sua virtude intangivel.

Ora, se todas as moças procedessem assim, poucos ou nenhum seriam os casos de rapto, e os bons paes de familia poderiam dormir tranquillos á sombra da virtude de suas filhas.

Não obstante, é necessario que a gente saiba com quem vive, e para isso a imprensa é o melhor porta-voz que até hoje se tem inventado.

Seja quem fór—filha de príncipe ou de burguez desde que preferio a porta escusa do escandalo, deve figurar o seu nome nas columnas das gazetas para que a vergonha da existencia a que forem arrastadas sirva de lição benéfica ás incautas prestas a succumbir.

Eu tenho filhas, e pela opinião que professo não me castigue Deus! Mas ah! lica olla, que não pôde ser acoviada de ridicula, porque homens de peso e de reconhecida honestidade a têm feito sentir a seus filhos, como um exemplo que lhes ha de servir no duro caminho da existencia.

Sanspeur.

## Eterna historia

Por toda parte, onde perdida  
Minh'alma andou, pedindo vida,  
Seguiu-a perto, perto a coherio  
Dos desenganos, gerando a morte.

Viuva eterna, do amor partido,  
Buscava o par, o par querido,  
Por entre abrolhos, por entre espinhos,  
Que ia encontrando pelos caminhos.

A's vezes, cedo, manhãs de inverno  
— Trajando a capa de antigo terno  
Rompia a neve, densa, enervante  
Para encontrar o seu amante.

Outras mais claras, manhãs de outunno,  
Ella ia só, em abandono,  
Ainda á cata desse amor,  
Que ella buscava com ardor.

E tão do perto seguita-a a coherio  
Dos desenganos, gerando a morte  
Que, um dia, quando, andou perdida  
Por toda parte, pedindo vida.

Sentiu a falta da força antiga  
E sem ninguém, sem mão amiga,  
Esmoreceu... esmoreceu...  
E allí, só, desfalleceu.

Achava enfim o terno amado  
O amor antigo e desejado,  
— Dentro do peito, como n'um horto  
O coração encontrou morto!

Delmar de Castro.

## Agricultura

### criação das gallinhas

É uso em França alimentar as gallinhas e particularmente os pintos, com sangue bovino, por essa forma conseguem-se dar aos frangos um vigor e corpulencia na verdade surprehendente.

A gallinha alimentada com sangue de boi põe muito mais ovos e estes fecundam em maior numero. Secca-se o sangue, sendo preferivel o que se obtem logo depois de abatido o animal, n'uma estufa ou forno, e quando está bem secco reduz-se a pó misturando em seguida com fubá, mette-se novamente no forno e reduz-se depois a pó grosso.

Uma parte deste pó com tres partes de comida ordinaria forma um alimento superior.

Que a criação das aves é industria lucrativa, quando dirigida com zelo e intelligencia attestam-no os collossaes estabelecimentos da America do Norte e de alguns paizes da Europa, as escolas que se fundam para propagar a arte de criar e o activo commercio que dellas e de seus productos se faz nos grandes centros de população.

Ha em Green America do Norte, um estabelecimento de criação, dirigido pelo Sr. Robertson cujos extensos gallinheiros abrigam 11.200 aves, assim distribuidos: patos 6.000; perús 4.000; gallinhas 1.200; que consomem diariamente 50 alqueires de diversos grãos, duas barricas de farinha e igual perção de batatas.

O estabelecimento se compõe de 12 gallinheiros cujo comprimento varia entre 29 e 52 metros sobre 4 de largura e 2 de altura; ha, além disso, um compartimento destinado aos ovos que tem 13 metros de comprimento sobre 4 de largura e 2 de altura.

A luffa japoneza é do mesmo genero que a especie vulgarmente conhecida entre nós pelo nome de guarda-chuva, ponja ou buxá; de crescimento rapido, a planta produz em abundancia frutos grandes de 3 a 5 palmos de comprimento que podem ser aproveitados como alimento enquanto muito pequenos, servindo quando inteiramente criados, para muitos outros misteres, como apparatus para senhoras, chapéos, bolsas, cestões, muitos outros objectos de phantazias e mesticos.

### PURIFICAÇÃO DA AGUA

Entre os muitos processos que se empregam para a purificação da agua potavel, um dos mais convenientes é o que consiste no emprego do acido estriico. Merosas experiencias tem provado, com effeito, que os pequenos vermes que se breiam frequentemente nas aguas potaveis morrem immediatamente e caem ao fundo da vazilha, ou logar onde se encontra o liquido, ao dissolver na agua uma pequena quantidade de acido citrico.

A agua assim purificada pode beber-se sem o menor cuidado, pois acido citrico é uma substancia completamente innocua ao organismo humano.

### A TERRA VACCINADA (da Revue Agricola)

É tambem uma das invenções modernas devemos á bacteriologia e á vaccinologia reunidas. Afim de preservar o solo de certas molestias prejudiciaes pela sua fertilidade, vaccina-se o solo, como se trata de uma creança, a quem quizessemos preservar da variola ou de outra qualquer molestia.

O processo se vulgarizou de mais em mais e até agora existem para mais de vinte methodos de vaccinação do solo garantidos. Eis a titulo de exemplo, o inventado n'ni recentemente pelos Sr. Hituer e Noblé:

As baterias para cada especie de guminosos são entregues ao agricultor a forma de colonias sobre placas de guma contidas em recipientes de vidro.

Na epocha de semear-se dissolve-se a gelatina em que faz-se mergulhar as baterias, e as quantidades devem ser tomadas que se obtenha uma especie de caldo para de trabalhar com a mão e sem excesso de liquido.

É preciso para isto, 28 kilos de baterias, cerca de 3 litros de liquido em que se dissolve o conteúdo de 3 frascos de baterias.

As sementes assim tratadas são misturadas com substancias que favorecem o desenvolvimento da bateria, deprezando com areia ou um pouco de terra secca, e a mistura-se cuidadosamente o todo e meia-se com a mão ou á machina.

### DEFEZA DAS VINHAS CONTRA OS INSECTOS

O Sr. Garillot, director da escola de agronomia do departamento de Aves, recommenda a rega das vinhas com a seguinte mistura: 100 litros d'agua, 1 kilo de acido arsenico, 1 kilo de sulphato de cobre, 1 kilo de calvina e 5 kilos de molibdeno.

O acido arsenico se dissolve antes de se aggregar-o á mistura em uma solução de carbonato de potassa.